

Por anno 13\$000
 " Semestre 8\$000
 " Trimestre 5\$000

Por anno 13\$000
 " Semestre 8\$000
 " Trimestre 6\$000

A OPINIAO

PERIODICO LITTERARIO E NOTICIOSO

PAZ, JUSTIÇA E LIBERDADE.

Publica-se ás quintas-feiras e domingos

Anno I

Corumbá -- 5 de Setembro de 1878

N. 63

A Opinião

QUINTA-FEIRA 5 DE Setembro DE 1878.

7 de Setembro.

Depois de amanhã o Brasil veste-se de galas.

O dia 7 de Setembro é para elle um dia de glorias.

O sol da patria, soberbo e esplendido, illuminou nesse dia o campo da liberdade, e tingindo as nossas florestas da côr indiscrepível de sua luz, inspirou aos filhos da America os canticos que atravessarão o espaço e echôarão por toda parte.

A emancipação politica se fez, e o povo, independente e livre, libertou-se da tutella que o embaraçava, e respirou contente pizando vaidoso as terras de Santa Cruz.

O anniversario da independencia não passara' desaparecido entre nós.

Nos corações brasileiros corre o sangue do patriotismo, e a lembrança dos brados do Ipiranga é o estímulo para elles, que se devem exaltar transportados de jubilo, satisfeitos de estarem senhores de seus destinos.

A America livre!

A liberdade é o poema sacrosanto que deve ser repetido nos seios dos potentados, e nos centros dos proletarios.

A liberdade é a vida; sem ella, a existencia é uma chimera, a sociedade o cahos, e os governos mandaterios infernaes que se corrompem, estragando as massas, e aniquillando o futuro, entregues a's satanicas machinações dos caprichos reaes para ephemeras glorias.

A liberdade!!

Luz celeste, que não encontra obstaculos no espaço e que derrama-se em catadupas sobre as nossas cabeças, como para guiar-nos, como para acariciar-nos e dar-nos alimento, flôr que somos desta terra onde as maravilhas se ostentão, e onde hade tremular eternamente o estandarte—Independencia ou Morte!

Gazetilha

Consta-nos que segue para a côrte do Rio de Janeiro o Sr. capitão de mar e guerra Antonio Claudio Soido ex-inspector do arsenal de marinha desta provincia.

Seria indesculpavel nôssio silencio, se deixassemos de ser o interprete dos matto-grossenses reconhecidos aos relevantes serviços que a' provincia tem S. S. prestado.

Elles os registrarão, e já mais se esquecerão de que o Sr. Soido se interessou pelos destinos desta terra desde que exerceu o seu primeiro empfego.

A publica manifestação que recebeu S. S., é o testemunho eloquente do quanto asseveramos. Referimo-nos ao baile que lhe foi oferecido em casa do Sr. capitão tenente Felipe Orlando Short.

Receba S. S. os nossos adeuses, e oxalá' que nos dê o prazer de vel-o de novo entre nós.

Na noite de Domingo teve lugar o baile oferecido ao Sr. capitão de mar e guerra Antonio Claudio Soido, em casa do Sr. capitão tenente Felipe Orlando Short. Esteve concorrido pela flôr da sociedade corumbaense, e durou animado até a madrugada de 2.

Estiveram solemnes os festejos do Espirito Santo. O Sr. Adão da Cunha Knippel e a Exma. Sra. D. Luiza Pompéo de Sá, foram os festeiros.

Sahiram sorteados festeiros do Espirito Santo o Sr. Virgilio Pompéo de Camargo e a Exma. Esposa do Sr. A. P. Alves de Barros.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para a transcripção que fazemos da noticia sobre o processo de Hoedel.

A Camara Municipal convida os seos Municipes a illuminarem a frente de suas cazas no dia 7 do corrente.

Ao Sr. Fiscal transmittimos um pedido que nos foi dirigido— que se exforce para diminuir a cachorrada que faz um barulho insupportavel.

O Sr. Juiz Municipal não pronunciou o Major Benedicto José da Silva França e Francisco da Costa Teixeira, processados pelo crime de resistencia.

Por nossa conta rogamos ao mesmo Sr. Fiscal haja de prevenir os açougueiros que o quintal não é deposito dos ossos.

Na noite de 2 do corrente se dêo um incendio n'um rancho de palha para os lados do Cemiterio. Os Srs. Official de dia e de estado, Delegado de Policia e diversos officiaes concorrerão promptamente ao logar, e se pode evitar a communicação do fogo aos ranchos contiguos.

Hontem reunio-se no Paço da Camara Municipal, o collegio eleitoral d'esta Villa, composte dos sete electores d'esta Parochia.

O mesmo Collegio deve hoje proceder a eleição dos dous Deputados á nova Assemblêa Geral, convocada para o dia 15 de Dezembro do corrente anno.

Consta-nos por cartas da Villa de Miranda, que alli não houve eleição no dia 5 do mez proximo passado, em consequencia de ter avançado para a meza, logo no começo da 1ª chamada, um grupo de pessoas que inutilizarão os livros de talões de titulos de qualificação e mais papeis existentes. Dizem que os mesarios oppondo duvidas sobre a identidade dos votantes da parcialidade contraria, e dispostos a receber os votos de indios com nomes suppostos e não qualificados, procurarão aquella occurrencia, na qual, felizmente, não se deo a menor offensa physica.

Transcrevemos do *Cruzeiro* as seguintes noticias:

Chegarão a 21 de Junho dos portos do norte, nos paquetes *Pará e Ceará*, 372 escravos na côrte.

Mais um S. Bernardino. Parece que brevemente vamos ter mais um santo para o kalendaria. Ela é que lemos em uma folha europêa:

Leão XIII presidio um dia do mez de Junho á congregação dos ritos. Tratava-se de fazer passar de venerave! para beato o jesuita Bernardino Realini, que morreu em 1816.

Durante hora e meia se discutirão diante de Leão XIII os milagres que se allegão para essa promoção.

Litteratura

NÃO VÊS?

Não vês, donzella, que te adoro louco?...
por ti que eu dera sem pezar a vida,
não ves que cego, só procuro ver-te,
embriagar-me em teu olhar, querida?...

Não ves nos cantos que t'offerto ternos
o fogo intenso em que me lavra o peito?
Não ves que o anseio em que referve est' alma
é de teus olhos divinaes o effeito?

Ai! n'esses olhos tão gentis, tão negros....
fagueiras crenças, traduzi — singellas,
sonhei venturas e arranquei da lyra
flores d'est' alma que por ti são bellas!

Mas tu acolhes, meu sincero affecto
com tanto gelo, que me faz descer...
não ves que eu soffro, que a razão me foge,
que o teu desprezo me fará morrer?...

Porque abandonas, pensativo e triste,
ermo de affectos quem te adora tanto?
Oh! virgem pura, no teu seio acolhe
quem te idolatra com amor tão santo!

Minh'alma é o nauta que o ligeiro barco
ve na voragem, sossobrar, sumir...
e só perdido n'amplidão dos mares
ardentes preces, faz ao céo subir!...

Vem ser a plaga a que se abriga o nauta,
da-lhe um asylo no tua alma pura...
em troca o pobre dar-te-ha seus cantos,
crenças, esp'ranças d'eternal ventura!

Traduções.

MYSTERIOS EGYPTIENS.

(Continuação)

Eis a lenda:

Isis e Osiris, nascidos de um mesmo seio, são esposos; e amavam-se por isso com duplo amor. Typhon, um outro irmão (o genio do mal), tem ciumes de tanta felicidade. Convida Osiris para um banquete: mata-o; depois corta-o em pedaços e lança ao Nilo seus membros mutilados. Isis arranca os cabellos nos atos da sua dôr, vai por toda a parte procurar o seu Osiris, e encontra parte de seu todo, que as ondas arrojarão a praia. "caminha até a Assyria, a Byblos e obtem por fim que lhe restituam o que resta dos destroços. Só um lhe falta. Profundo desespero!... É era a vida! Potencia sagrada do amor, se tu faltares o que sera' do mundo?...

Onde encontrar-te agora? Ella implora ao Nilo e ao Egypto. Mas o Egypto não lhe quer entregar o que elle considera como o penhor de sua

eterna fecundidade.... Osiris em pedaços como está e tão cruelmente mutilado, resuscita e volta a Isis... mas não sahio do tumulto senão para a tornar ainda uma vez mae.... O seio ardente de Isis não aquecera' este gelado germen.

Não importa. O fructo que nascer, embora que triste e pallido, não deixara' de ser uma suprema victoria do amor. (1)."

Este filho, este enervado recém-nascido, este vergonhoso irmão do brilhante Serapis, é Horus, o triste Horos. Um outro deus ainda se juntava a esta trindade superior, Anubis, o filho de Typhon, com cabeça de chacal, a quem Isis por sua misericórdia, amamentou. A viuva do assassino salvando a vida ao filho do assassino, que symboio de personalidade, de responsabilidade individual e tambem de magnanima ternura!

Tal era o mytho fundamental da religião egypcia e era sobre esta lenda que repousavam os mysterios. Todos os annos se celebravam estas festas no equinocio do outono. Só os iniciados tinham o direito de penetrar no templo; só o grau-sacerdote podia contemplar a

imagem de Isis occulta sob um véo que tinha escriptas estas palavras:

"Eu sou quem sou, e nenhum mortal ousara' levantar o véo que me cobre."

Os mysterios que tinham para theatro os templos de Memphis e d'Helio-polis repetião em suas diferentes phases, as dolorosas peregrinações de Isis.

(Continúa.)

Questões sociais.

E' a propria liberdade e não a republica que é difficil estabelecer.

(Continuação).

Pouco importa que o poder executivo esteja nas mãos de um rei hereditario ou de um presidente eleito, se fôr definitivamente a vontade da nação formulada por seus representantes que prevaleça, a situação é a mesma: o paiz governa-se por si, que é o mais importante.

Desçamos ao fundo, sem nos iludirmos pelas apparencias do regimen constitucional ou da classica divisão dos tres poderes.

Debaixo destes exteriores, tem-se chegado a estabelecer em paizes bem civilisados, um regimen tão completamente despotico, como nos imperios asiaticos.

Que o soberano nomeie os chefes de provincias e das communas, que por sua influencia faça eleger os representantes da sua escolha, que pelo temor de desagradar ou pela esperança de subir, os juizes antecipem suas ordens, este soberano reunindo em suas mãos o poder executivo e judiciario, fara' da nação o que quizer. Desde que se admitta a distincção que acabo de indicar, logo se vê que a questão da actualidade e o porvir não da republica mas dos governos livres.

Se as sociedades modernas se julgam ameaçadas de uma dissolução social, e se se assombram com a idéa da anarchia, a monarchia constitucional não lhes offerecera' um refugio mais seguro que a republica. Na monarchia constitucional, como na republica, o poder director emana do povo. Ora se é a cubica do povo, que o corpo dos cidadãos receia, e ao regimen absoluto que devera' pedir força de resistencia, que esse corpo não encontra em si.

Tem sido sempre assim. Para escapar a' guerra civil, Roma entregou a Augusto sem reserva. Do mesmo modo e pelos mesmos motivos a França se abandona a Napoleão I, e depois a Napoleão III. Quando se pensa em que esta ultima abdicção teve lugar depois da campanha de Moscon e de Leipzig, depois de duas invasões e sobre tudo depois das duas mal succedidas empresas de Bolonha e de Strasbourg, deve dizer-se que é impossivel prever nas mãos de qual salvador se atirara' uma nação a' qual o terror das convulsões so-

(1) Michelet, LA BIBLE DE L'HUMANITE'.

ciaes, assombra. O que nos resta pois examinar, é, generalizando a questão levantada por Mr. Passy, ver-se as sociedades marchão para o governo livre ou despótico. Póde parecer estranho que se proponha uma tal questão no seculo XIX, tão orgulhoso de suas descobertas scientificas, do progresso de suas luzes, de suas conquistas no mundo physico. Como! pois o homem que mede e pesa os corpos celestes, que se serve do raio para transmittir seus pensamentos, que de alguns saltos percorre a superficie do globo, que doma todos os elementos para os fazer trabalhar em satisfação de suas necessidades, esse rei da criação esclarecido pelas intuições de seu genio e apoiado sobre a experiencia tão laboriosamente colhida e tão sabiamente interpretada dos seculos, não chegara a encontrar uma forma de governo que respeite sua dignidade e liberdade? scri-lhe-ha sempre preciso como ao bruto, curvar-se a um senhor e marchar debaixo do chicote! Estranho contraste, com effeito: ali tanto poder, tanta luz, aqui tanta escuridão, tanta fraqueza!

(Continúa).

Transcripção

O PROCESSO DE HOEDEL

Começou no dia 10 o julgamento de Hoedel, que attentou contra a vida do imperador da Alemanha antes de Nöbling. A sala do tribunal estava cheia, e como e pequena só puderam ser reservados 50 ou 60 logares para o publico e para os jornalistas. Os juizes tinham sido escolhidos do supremo tribunal. O réu, sentando-se entre dois guardas de policia, olhou primeiramente para os juizes e depois para o publico, sorrindo com desprezo. O delegado do ministério publico leu o relatório da accusação, em que faz a historia do crime, dando as circumstancias d'elle e as provas da premeditação.

Entre os factos mencionados, e não conhecidos do publico, o delegado refere os seguintes:

Que algumas horas antes do attentado, Hoedel dissera:—Estou a' espreita de uma cabeça grande, que é necessario que seja esmagada. Então, iremos melhor!

Que na prisão se gabava de que d'aquella vez não acertara, mas para a outra vez não erraria;

Que n'uma carta aos pais supplicava-lhes perdão, por ter attrahido uma tempestade para a sua familia, e confessava que se sacrificara para o bem da humanidade;

Que o réu estivera em relações successivas com os democratas-socialistas, socialistas-christãos e anarchistas, e principalmente com E. Werner, que representava no congresso de Gandza demagogia, cujo programma excede o da communa de Paris, proclamando a necessidade de proceder pela força a' reforma social

Que, enfim, n'outra carta aos pais, Hoedel dizia que—era preciso um Tell a' Alemanha, e a propaganda pela acção.

Depois da leitura do relatório, o juiz presidente começou o interrogatorio do réu, de que faremos aqui um resumo:

—Réu, disse o juiz, confessa o crime de ter tentado matar o imperador da Alemanha?

—Não.

—Com que intento comprou um revolver?

—Com o de fazer saltar os miolos a mim proprio.

—Para que queria suicidar-se n'um caminho publico?

—Cada qual tem o seu gosto. Ha uns que procuram o alto dos edificios para se precipitarem a' rua, e outros que queimam os miolos dentro de um bosque.

—Muitas pessoas virem que o réu apontou o revolver para o imperador?

—Que quer o Sr. juiz que responde? De testemunhos falsos não póde uma pessoa livrar-se.

—Dizem que se lastimou de ter errado o tiro?

—Certamente.

—E que pretendia dizer?

Hoedel fez uma contracção ironica e respondeu:

—Eu lastimava não ter acertado a bala contra a minha cabeça.

—Foi membro de muitas uniões democraticas-socialistas?

—Fui membro de muitas sociedades, mas não de uniões.

—Foi membro do partido operario christo-socialista?

—Sim, Senhor.

—Quaes eram pois os seus principios politicos?

—Os meus principios? Não os tenho. O principal para mim eram os meus negocios.

—Sabe-se que em Leipsig o réu esteve filiado no partido anarchista. Declarou-o por veses.

—Não o nego.

—Sabe o que é anarchista?

—Sei que é muito bom.

—Mas o que é? Diga ao tribunal.

—Não sou obrigado a dar aqui taes explicações? Para que serve isso? Não consegueria mudar a minha opinião, nem os senhores viriam para meu lado.

Hoedel respondeu a todas as perguntas em pé, sem cobardia, de cabeça levantada e sorriso ironico, e apoiando os braços a uma especie de teia posta adiante d'elle. A sua voz não é grosseira, e na pronuncia conhece-se o saxonio. O interrogatorio continuou.

—Os democratas socialistas exclamaram o réu do seu partido?

—Sim, senhor. Escrevera um artigo contra elles.

—E como explica ter, na mesma occasiao, distribuido e vendido as publicações dos christo-socialistas?

—E porque não espalharia tambem as suas drogas?

—Um dia, em Sekunditz, o réu

disse a um estalajadeiro, que não quizera emprestar-lhe uma sala para uma reunião:

—Quando chegar o momento de enforçar uns tantos, saberemos por onde devemos começar.

—E' possivel que dissesse isso. São naturaes em mim essas graqolas.

O réu respondeu por negação a outros intuitos ou palavras, que se lhe attribuiam, taes como: « Irei até o velho Guilherme. E' mister que tudo isto desapareça, todas as cabeças altas. Far-se-ha um monte de tudo, e cada qual terá' o seu quinhão. Não temos necessidade de imperadores, nem de reis, nem de principes, que chupem o sangue do povo. A America tem um presidente e dá-se bem. Para que servem os soldados; e os juizes? Cada qual póde governar-se sem tutor e castigar-se so errou.»

Todavia, Hoedel confessou que algumas d'essas expressões poderia aceitar como proprias. Reconheceu a carta que escrevera aos pais, em que lhe dizia que a Alemanha necessitava de um Guilherme Tell, que a livrasse dos tyrannos.

Foi em seguida ouvido o depoimento de 30 testemunhas. O cocheiro do imperador e outro criado, e mais tres ou quatro pessoas, depozeram que Hoedel apontara para o imperador. Nenhuma testemunha foi declarar que vira Hoedel apontar o revolver contra si proprio. Hoedel foi condemnado a' morte.

O réu ouviu a sentença com a cabeça erguida e soltando um riso, entre escarecedor e cynico. Dir-se-hia que se tratava de outra pessoa.

Quando ia para saber da sala da audiencia, pôz o chapéo na cabeça e apresentou as mãos as algemas; e sahio como entra'ra balouçando-se com ar satisfeito e alegre como se lhe succedesse alguma cousa boa.

A audiencia durou das 9 horas da manhã a's 3 e meia da tarde.

VARIÉDADE

Que ta droite ne sache ce que donne ta gauche

Era ao cahir da tarde, uma simples caleça tirada por dois cavallos baixos subia rapidamente pela rua do Hospicio.

O cocheiro e o lacaio com seus sacos cõr de pinhão e botões dourados denotavam ser de casa rica, os stores do carro hiam corridos não deixando de visar quem hia n'elle.

Ao chegar á esquina da rua do Nuncio o cocheiro susteve de repente os cavallos por que o cordão de seda que trazia preso ao braço direito se havia entezado, e o lacaio saltando rapidamente da almofada veio abaixar o estribo e abrir a portinhóla.

Uma mulher trajando rico vestido

de veludo preto e acobertada com uma espessa mantilha á espanhola saltou rapidamente para o passeio e entrou resoluta em um escuro e humido corredor.

Quem era essa mulher que a taes horas entrava em casa de tão humilde apparencia e o qua lá hia fazer, é o que vamos dizer ao leitor.

Contava apenas 23 annos, era de figura elegante e tinha bastissimas madeixas de cabello preto como o ebano, longas e assetinadas pestanas lhe velavam os olhos negros, uma pallidez que denotava o soffrimento tornava mais sympathico aquelle conjuncto de bellezas.

Filha de um abastado charqueador da Campanha Oriental, casára aos 15 annos com um medico brasileiro que havia feito a campanha do Paraguay e que por ella se havia apaixonado.

Viera para a côrte com seu marido e dous annos depois enviuvára.

Não faltaram adoradores que aspiravam á mão da formosa e rica viuvinha, porém ella comquanto não tivesse amor ao seu defunto marido, jurára ser fiel á sua memoria e não tomar novo estado.

Morava em uma linda chacara nas Larangeiras e desde a morte de seu esposo, os seus salões que se abriam todas as quintas-feiras para brilhantes concertos e reuniões não mais se abriram.

Havia 6 annos que enviuvára e ainda não havia deixado as vestes negras do luto.

Admiravam-se e murmuravam os visinhos por vel-a sahir todos os dias de carro, sem que soubessem aonde hia; debalde indagavam do cocheiro e laçao, mas elles naturaes da ilha do Fayal e desconfiados como todos os seus patricios, não trahiam o segredo de sua ama.

A visinhança que murmurava dos continuos passeios a carro, ficou pasma ao ver por entre as arvores da chacara passear uma mucama com uma loura criança ao collo.

A viuva não tinha filhos, de quem poderia ser a criança?!

Que commentarios se fizeram, que fabulas se contaram, que supposições infamantes!.....

Era Anita o anjo da caridade que hia ao catre do infeliz pensar-lhe as feridas, que hia matar a fome ao desgraçado.

A criança que tinha em casa havia-a encontrado abandonada á porta da igreja da Gloria, aonde hia ouvir a missa da madrugada, recebeu a pobre enjeitada como um dom do céu e acolheu-a como filha.

Acompanhemol-a agora na sua visita á casa de escuro e humido corredor.

Mora n'esta casa uma pobre velha octogenaria que tem uma filha entreada e dous netos, um de 8 annos e outro apenas de 15 mezes, pobres, sem auxilio o que seria d'ellas se não houvessem anjos de caridade como Anita?

Anita consolou as pobres mulhieres e ao despedir se deixou-lhes n'alma o balsamo da caridade.....

Lá segue ella no carro a socorrer sabe Deus quantos infelizes.

E o mundo murmura, falla, porque não comprehende a missão da mulher anjo.

(Extrahido.)

Diversão.

QUEM FOI!

No mundo nasceu um homem
O qual sem culpa morreu,
Nasceu primeiro que o pae
E a mãe nunca morreu
Ficando virgem a avó
Até que o neto morreu.

Frei F..., estando um dia a' pregar na roça, disse em um momento de entusiasmo:

— Meus queridos ouvintes, a Providencia é tao perspicaz, que collocou os rios junto das cidades!...

Um rico fazendeiro que veio a' côrte para comprar entre outras cousas um cosinheiro, ouviu a' um nosso amigo dizer:

— Oh! jantei hontem em casa de X que regalou-me de excellente epigrammas...

Dias depois o roceiro perguntava ao cosinheiro que lhe inculcarão:

— Tu sabes fazer epigramas?...

X... encontra um votante da freguezia de Sant'Anna e pergunta-lhe:

— Então, como vaio la' os liberaes?

— Perfeitamente, tem-se portado com toda a bizarrria.

— Bizerria, quer voce dizer.

Consignamos, o caso, mas não comprehendemos o CALEMBORG.

Certo adulator obteve um alto emprego, e aos que lhe davam os PARABENS respondia:

— Acreditem VVc. que para alcançar minha nomeação não dei um só passo.

— Bem lh'o creio, lhe respondeo um homem grave; aquelle que se arrasta não caminha.

Diogenes, estando a preparar couve para comer, disse a Aristippe:

— Se tu soubesses comer couve, não tinhas necessidade de adular os nobres!

— E tu, responder Aristippe, se soubesses adular os nobres, não estarias reduzido a comer couve!

A melhor das heranças que podemos deixar é a— saudade.

Em uma roda de amigos em que a pilheria e o trocadilho a davam a rodo, conservava-se calado um individuo.

Um dos circumstantes aborrecido d'aquelle silencio; indicando-o aos companheiros improvisa esta quadra:

"Este que não diz palavra,
Parecendo homem de sizo
Se acaso é sabio é um tolo,
Mas se é tolo tem juizo!"

O sopro da fortuna é como um dos ventos; o d'estes empolla os mares, o d'aquelle os homens.

Um sujeito, tendo composto um ROMANCE, pediu a uma senhora que o cantasse.

O senhor bem sabe que não tenho voz para cantar, diz ella.

O compositor insiste tanto que a senhora exclama:

Esta' bom! se faz tanto empenho nisso, e uma vez que não posso cantar, vou assoviar.

Secções Livre

IMPROBIDADE LITTERARIA

Um senhor anti-charlata talvez em falta de assumpto, tem-se ultimamente occupado com a publicação de poesias que esta folha tem feito sem assignatura, dizendo não ser decente nem digno, dar-se publicidade na secção litteraria a produções poeticas com eliminação do nome de seus autores, e cita para exemplo uma poesia do Dr. Laurindo Rabello que por um muito desculpavel descuido, foi publicada sem assignatura.

Não deixando de concordar que a alludida poesia deveria ser assignada, permittam-me com tudo que lhe diga alguma coisa a respeito: Quem não conhece essa producção poetica do immortal Laurindo? Quem não conhece os magnificos cantos desse infeliz rouxinol, que foi pousar o floreo ninho nas mysticas regiões? Creio que ninguém e fóra quasi pheonismo assignar-lhe o nome. O que não concordo, sim, é com a linguagem pouco delicada do senhor anti-charlata.

O ALGUEMO, O PHANTASMA, O CHARLATÃO encarregado das transcrições de poesias deste periodico, não tem AVIDEZ de CELEBRIDADE OU RENOME: ESTUDA e PRODUZ e tem a AUDACIA de publicar o que produz sem comtudo me que dar o gosto, ou desgosto de declinar seu nome.

Julgo ser um direito, como outro qualquer. Se porém as poesias anonimas com que S. S. tanto embirra lhe merecem a honra de uma critica, venha ella, não em termos de tarimba, mas sim na linguagem que devem ter as pessoas que se prezão e de boa educação, como creio que S. S. sera'.

O Phantasma.